

fantasia mortal

j. d. robb

Tradução de Idalina Morgado

*O que preferíeis ser...
Um vencedor nos Jogos Olímpicos,
Ou aquele que proclama se existem vencedores?*

PLUTARCO



*É verdade, falo de sonhos,
Que são a prole de um cérebro ocioso,
Advindo de nada senão da inútil fantasia.*

WILLIAM SHAKESPEARE

CAPÍTULO

1



Enquanto lâminas de relâmpagos cortavam e apunhalavam barbaramente o escudo lacerado do céu, Bart Minnock assobiava, pela última vez, a caminho de casa. Apesar da chuva violenta, o humor de Bart acompanhava a sua melodia alegre quando dirigiu ao porteiro uma saudação educada.

— Comê que vai, Sr. Minnock?

— Sempre nas nuvens, Jackie. O mais possível nas nuvens.

— Esta chuva podia fazer o mesmo, se quiser saber o que penso.

— Qual chuva?

Com uma gargalhada, Bart enlameou o caminho até ao elevador nos seus ténis encharcados.

Um trovão explodiu sobre a ilha de Manhattan, os transeuntes caminhavam a meio do dia de mau humor sob guarda-chuvas excessivamente caros comprados a vendedores ambulantes empreendedores e maxiauto-carros lançavam paredes de água. Mas no mundo de Bart o Sol brilhava com raios gloriosos

Ele tinha um encontro escaldante com a sensual CeeCee, o que por si só não era de desprezar para um autoproclamado cromo que tinha sido virgem até à idade de algum modo embaraçosa de vinte e quatro anos.

Cinco anos mais tarde, e em grande medida devido ao sucesso da U-Play, ele podia escolher de entre uma panóplia de mulheres ávidas por ele, ainda que esse desejo se devesse principalmente ao dinheiro e ao mediatismo que a sua empresa gerava.

Ele não se importava.

Ele sabia que não era particularmente atraente e aceitava a sua própria inépcia nas situações românticas. (Exceto com a sensual CeeCee.) Não tinha grandes conhecimentos de arte ou literatura, nem sabia distinguir um bom *vintage* de garrafas de fabrico artesanal. O conhecimento dele eram os computadores, os jogos e a sedução da tecnologia.

Ainda assim, CeeCee era diferente, pensava ele enquanto destrancava as fechaduras e desligava o sistema de segurança do seu apartamento de três andares, com uma vista de quatro estrelas sobre a Baixa da cidade. Ela gostava de jogar e não queria saber de vinhos *vintage* ou de galerias de arte.

Mas mesmo a noite que iria passar com a doce e sensual CeeCee não era a razão para assobiar ou ter um enorme e resplandecente sorriso enquanto destrancava as fechaduras.

Ele tinha na sua pasta a última versão do *Fantastical*, e até a testar, jogar e aprovar, ela era só sua.

O intercomunicador interior cumprimentou-o com um animado *Bem-vindo a casa, Bart*, e a criada droide — personalizada para replicar a Princesa Leia, do clássico *Guerra das Estrelas*, em modo de escrava (ele era *nerd*, mas também era gajo) — dirigiu-se a ele para lhe entregar a sua bebida favorita: refrigerante de laranja com gelo picado.

— Chegou cedo a casa, hoje.

— Tenho algum trabalho para fazer no quarto holográfico.

— Não trabalhe demasiado. Precisa de sair daqui a duas horas e doze minutos para chegar ao apartamento de CeeCee a horas. A caminho, está previsto ir buscar flores. Vai passar lá a noite?

— Esse é o plano.

— Divirta-se. Os seus ténis estão encharcados. Quer que lhe vá buscar um par novo?

— Não, não é necessário. Eu apanho uns quando subir.

— Não se esqueça — disse ela com um rápido sorriso afetado, tal como a personagem Leia, que o divertia sempre. — Quer que o avise perto da hora da saída para o seu encontro?

Ele colocou a pasta de lado, afastou para trás o cabelo castanho-claro que lhe caía constantemente nos olhos.

— Não é necessário. Eu ponho um alarme no holo. Podes desligar-te por esta noite.

— Está bem. Estou aqui se precisar de mim.

Normalmente, ele utilizaria a sua Leia pessoal para praticar alguma conversaço, poderia mantê-la para lhe fazer companhia enquanto lhe contava como fora o seu dia e lhe falava dos projetos em que estava a trabalhar. Na opinião de Bart, não havia nada melhor do que um droide. Nunca julgavam, a não ser que fossem programados para o fazer.

Mas o *Fantastical* chamava-o. Ele abriu a pasta, tirou o disco, deu-lhe um beijo afetuoso quando começou a subir as escadas.

Tinha decorado o apartamento de acordo com o seu gosto pessoal, por isso havia imensos brinquedos. Adereços, armas, fantasias e engenhos baseados em vídeos e jogos serviam de decoração e diversão, com todos os quartos de todos os andares equipados com consolas variadas de jogos e de vídeos, ecrãs e computadores.

Para Bart, era um sonho tornado realidade. Ele vivia, assim como trabalhava, num enorme recreio eletrônico.

O escritório do segundo andar era uma reprodução à escala da ponte da nave de guerra galáctica *The Valiant*, do vídeo com o mesmo nome. O seu trabalho com os discos de jogos para vídeo dera à sua emergente U-Play um verdadeiro arranque.

Ele esqueceu-se de mudar de calçado, ou de mudar a camisa molhada, e foi direito ao terceiro andar.

O sistema de segurança no quarto holográfico requeria a sua impressão digital, impressão de voz e leitura da retina. Um exagero, ele sabia, mas era mais divertido assim, e a diversão era sempre o princípio pelo qual se regia. Ele até podia abrir, regularmente, o espaço a amigos e convidados, mas gostava de manter ativas as funcionalidades de superespião.

Reativou-as ao entrar, depois fechou todos os intercomunicadores exteriores. Durante a hora seguinte — está bem, talvez noventa minutos —, ele pretendia jogar, sem interrupções.

Na cabeça de Bart, o principal objetivo de jogar era a sua própria imersão na fantasia, ou a competição, ou simplesmente a diversão. E o *Fantastical* levaria a imersão do seu eu alguns níveis para lá do que estava disponível no mercado em meados de 2060.

Isto se as correções e os aperfeiçoamentos mais recentes funcionarem, recordou-lhe o empresário no interior do jogador.

— Vão funcionar. Vai ser magia elevada ao infinito — murmurou Bart enquanto inseria o disco e iniciava o sistema. Usou, uma vez mais, a sua impressão de voz, seguida da palavra-chave. A nova versão era completamente confidencial. Ele e os seus sócios não tinham criado a U-Play

apenas com genialidade. Ele compreendia muito bem a concorrência feroz no campo dos jogos, e na verdade a espionagem empresarial dava-lhe alguma adrenalina.

Ele era um jogador, pensou Bart. Não só de jogos, mas do *negócio* dos jogos. O sucesso da U-Play providenciara-lhes tudo o que ele e os seus amigos, os seus sócios, tinham falado, sonhado e trabalhado.

Com *Fantastical*, estavam a apostar tudo e, fazendo figas, tornar-se-iam jogadores *de topo*.

Ele já tinha decidido o cenário, um dos seus favoritos, e o nível. Ele praticara, estudara, aprimorara e trabalhara repetidamente nesta fantasia, assim como nos respetivos elementos, inúmeras vezes durante o desenvolvimento, e agora estava pronto para o jogo ao qual dera o nome de código K2BK. Ele assumiria o papel do herói cínico e maltratado, combatendo as forças demoníacas do reino cercado de Juno, no planeta ameaçado de Gort.

As paredes espelhadas do quarto holográfico refletiram-no quando a luz começou a rodopiar e a diminuir, quando a camisa molhada e enrugada, a *t-shirt* do Capitão Zee, e os ténis encharcados se transformaram no equipamento de batalha devastado e nas botas do rei guerreiro.

Sentiu na mão o punho e o peso da espada larga. E aquela adrenalina, sim, aquela nova adrenalina da personificação do herói, e da batalha que estava para acontecer.

Excelente, pensou. *Excellente primo*. Conseguia cheirar e ver o fumo da batalha, e o sangue já derramado. Alcançou e sentiu a protuberância do bíceps, a prega de uma antiga cicatriz.

Pontadas e dores no corpo todo diziam-lhe que tinha feridas ainda mal acabadas de sarar, uma vida inteira de combates.

A melhor parte: ele *sentia-se* forte, destemido, bravo, *feroz*. Tornara-se o rei guerreiro corajoso que estava prestes a liderar para a batalha o seu povo exausto, ferido e em menor número.

Lançou um grito de guerra — porque podia — e ouviu o poder da sua voz abanar o ar.

Era impressionante.

Uma barba pouco espessa cobria-lhe a face e um emaranhado de cabelo fazia-lhe cócegas no pescoço e nos ombros.

Ele *era* Tor, o guerreiro, o protetor e o legítimo Rei de Juno.

Montou o seu cavalo de guerra — à segunda tentativa, o que não foi mau — e lançou-se para a batalha. Ouviu os gritos de amigos e inimigos

quando as espadas embateram e as lanças de fogo jorraram morte. O seu amado Juno ardia, por isso ele abriu caminho através das linhas enquanto o sangue respingava e o suor lhe escorria pela pele.

Devido à sugestão de Benny, o seu sócio, tinham adicionado um interesse amoroso opcional. De modo a alcançar a sua mulher, uma guerreira destemida e bela que defendia corajosamente as muralhas do castelo, ele tinha de lutar para abrir caminho até à frente e participar na batalha final — mano a mano com o demoníaco Lorde Manx.

Tinha atingido este nível inúmeras vezes durante o desenvolvimento, e ultrapassara-o apenas umas quantas vezes enquanto programava o desafio e o colocava no topo da escala. Era preciso habilidade, precisão e agilidade para abrir caminho a lutar, para escapar às chamas das lanças e flechas, para desviar o corte da espada — se assim não fosse, que sentido faria?

Qualquer golpe baixaria a sua pontuação, enviando-o, potencialmente, para uma retirada vergonhosa, ou uma morte meritória. Desta vez ele não queria simplesmente ultrapassar o nível, mas alcançar um novo recorde.

O seu cavalo bramou em desafio enquanto galopavam através do fedor do fumo, saltavam sobre os corpos dos tombados. Ele apoiou-se e agarrou-se bem quando o cavalo ergueu as patas dianteiras, e mesmo assim ia caindo da sela.

Sempre que tal acontecia, ele enfrentava Max a pé, e sempre que ele enfrentava Max a pé, ele perdia Juno, a mulher e o jogo.

Desta vez, não, prometeu a si mesmo, e lançou outro grito pujante enquanto avançava através do fumo.

E ali estavam, as muralhas do lar onde os corajosos lutavam contra aqueles que queriam destruí-lo. E ali estava, o rosto sombrio e assustador do Lorde Manx, a espada vermelha coberta do sangue dos inocentes.

Bart sentiu uma pontada — pela perda, pelos tempos felizes da sua infância antes de a morte e a falsidade a terem maculado.

— A tua armadilha falhou — gritou Bart.

— Teria ficado desapontado se tivesse sido de outra forma. — Manx sorriu, os olhos escuros brilhando, mortíferos. — Foi sempre o meu desejo encontrar-te aqui, para acabar contigo e a tua descendência neste terreno.

— Vai acabar aqui, e com o teu sangue.

Os homens atacaram; as espadas encontraram-se. Um *flash* de luz

que Bart tinha adicionado para dar uma carga mais dramática jorrou e chiou do entrecostar das espadas.

Bart sentiu o impacto subir-lhe pelo braço, e o agulhão de dor no ombro fez com que tomasse uma nota mental para diminuir os níveis predefinidos. O realismo era importante, mas ele não queria que os jogadores comesçassem a queixar-se de que eles tinham programado o jogo com demasiada intensidade.

Ele preparou-se para um embate seguinte, bloqueando-o, e sentiu um *pop* doloroso no ombro. Quase se sentiu tentado a pausar o programa, mas estava demasiado ocupado a desviar-se de um golpe.

Que raios?, pensou Bart enquanto atacava e quase superava a guarda de Manx; a vitória só seria vitória se se trabalhasse para isso.

— A tua mulher vai ser minha antes de a noite chegar — rosnou Manx.

— Ela vai dançar na tua... ei! — A espada de Bart deslizou e o seu inimigo lacerou-lhe o braço. Em vez de um rápido choque para marcar o golpe, a dor ardente perdurou. — Que raios. Pausa...

Mas para Bart, era *game over*¹.

A tenente Eve Dallas mostrou o distintivo ao porteiro chocado e passou por ele. O sol e o calor abafado depois da tempestade da noite anterior melhoraram-lhe o humor. Ao seu lado, a sua parceira, Peabody, estava tristonha.

— Há um par de meses, só sabias queixar-te do frio. Agora, queixas-te do calor. Nunca estás satisfeita.

Peabody, com o seu cabelo escuro puxado atrás num rabo de cavalo, continuou a queixar-se.

— Porque é que eles não podem regular a temperatura?

— Quem são «eles»?

— O pessoal da meteorologia. Devemos ter tecnologia para isso. Porque não darem-nos um par de semanas com uns estáveis vinte e quatro graus? Não é pedir muito. Podias pedir ao Roarke para trabalhar nisso.

— Oh, claro, vou dizer-lhe para tratar disso, logo que ele acabe de comprar os últimos dez por cento do universo. — Eve balançou-se nos calcanhares enquanto subiam no elevador, e pensou no seu marido de há

¹ Expressão utilizada para indicar o final de um jogo. (N. de T.)

quase dois anos. Na verdade, ele provavelmente conseguiria arranjar alguma solução. — Se queres temperaturas reguláveis, arranja um emprego em que trabalhes no interior com ar condicionado.

— É suposto junho ser um tempo de margaridas e brisas suaves. — Peabody acenou com a mão no ar. — Em vez disso, temos estrondos de trovões e humidade a darem cabo de nós.

— Eu gosto dos estrondos.

Os olhos escuros de Peabody semicerraram-se enquanto observava a face angular de Eve. — Ontem à noite, deves ter tido montes de sexo. Estás quase animada.

— Cala-te. Nunca estou animada.

— Quase. Estás no limite da animação.

— E tu, estás no limite de levar com um pontapé no traseiro.

— Assim já é melhor.

Divertida, apesar de tudo, Eve endireitou o seu corpo alto e esguio, depois saiu do elevador quando as portas se abriram.

Os polícias no corredor puseram-se em sentido.

— Tenente.

— Agente. O que é que temos aqui?

— A vítima é Bart Minnock, o tipo da U-Play.

— Como?

— A U-Play, tenente, é uma empresa de jogos de computador e holográficos. A namorada encontrou-o esta manhã. Ela diz que ele a deixou pendurada ontem à noite e, por isso, ela veio até cá para lhe dar cabo do juízo. A criada droide deixou-a entrar, e quando ela o fez, viu que ele estava fechado no quarto holográfico e pediu ao droide que lhe abrisse a porta. — O agente fez uma pausa. — Acho que vai querer ver pessoalmente.

— Quem é a namorada?

— CeeCee Rove. Está lá dentro, e temos um agente com ela. O droide está em pausa.

— Vamos ver primeiro o local do crime.

Ela entrou, observando o local. O que lhe era possível ver do primeiro andar dizia-lhe que era como um clube de um adolescente muito rico e muito mimado.

Cores primárias, brilhantes, com mais conforto do que organização, paredes de ecrãs, jogos, e mais jogos, brinquedos — com ênfase nos brinquedos de guerra. Não tanto uma sala de estar, mas mais um enorme recreio. Dada a sua profissão, supunha ela, batia certo.

— Terceiro andar, tenente. Tem elevador.

— Vamos pelas escadas.

— É como um parque de diversões particular — comentou Peabody quando começaram a subir as escadas. — O McNab ia chorar de alegria e inveja — acrescentou, pensando no seu homem. — Não posso deixar de referir, está bastante frio.

— Ele pode ter vivido como um miúdo, mas tinha um sistema de segurança na porta bastante adulta. — Eve demorou-se no segundo andar tempo suficiente para determinar que o quarto de dormir principal era outro recreio, com os quartos de hóspedes equipados plenamente para a diversão. A vítima tinha um escritório em casa que lhe lembrava uma versão mais pequena do escritório de Roarke, mas com uns detalhes mais extravagantes.

— Levava a sério o trabalho — murmurou Eve. — Vivia para o trabalho.

Recuou para as escadas e subiu, dirigindo-se ao agente que se encontrava à porta do quarto holográfico.

— Esta porta estava fechada?

— A namorada afirma que sim, e os intercomunicadores desligados. O droide confirma. Tinha autorização para poder abri-la em caso de emergência. Os registos mostram a vítima a entrar, e a trancar o quarto às quatro e trinta e três da tarde. Nenhuma outra entrada ou tentativa de entrada até às nove e dezoito desta manhã.

— Certo. — Quer Eve, quer Peabody abriram os seus *kits*, colocaram os selantes. — A gravar — disse Eve, e atravessou a porta.

Ela não ficava muitas vezes surpreendida. Já era polícia há quase doze anos, e apesar de saber que ainda não tinha visto tudo — nunca se viu tudo —, já tinha visto muito.

Mas os seus grandes olhos castanhos dilataram-se brevemente quando registou o cenário. — Ora, aqui está uma coisa que não se vê todos os dias.

— Chiça! — Peabody sugou o ar.

— Nem sequer penses em pisgar-te.

— Foi o meu primeiro pensamento. — Peabody engoliu em seco. — Não o farei.

O corpo estava esparramado, os braços e as pernas abertos numa poça de sangue que se espalhava pelo chão. A cabeça encontrava-se a alguns centímetros de distância, os olhos muito abertos, a boca num estupefacto O.

— É preciso referir-se que a vítima perdeu a cabeça, o que é uma suposição bastante certa relativamente à causa da morte. Sozinho num quarto holográfico trancado, sem armas. Interessante. Bem, vamos dar uma olhadela.

Ouviu a Peabody engolir novamente em seco.

— Fica com o quadro dos jogos e vê o que é que ele programou — disse-lhe Eve. — E quero todo o histórico e os discos de segurança, quer do edifício quer desta unidade.

— É para já — disse Peabody, grata pelo indulto, enquanto Eve se dirigia ao corpo.

Para que ficasse registado, Eve verificou as impressões digitais.

— Vítima identificada como Bart Minnock neste endereço, idade: vinte e nove anos. — Retirou um par de micro-óculos do *kit*. — À primeira vista, a cabeça parece ter sido cortada com um único golpe potente. Não há sinais de serrilha ou de cortes. — Ignorou o som discreto de náusea que veio da direção de Peabody. — Para além disso, a vítima apresenta um corte de quinze centímetros no antebraço esquerdo. Veem-se alguns hematomas, mas nenhuma destas mazelas teria sido fatal. Aguardo confirmação do médico-legista. O Morris vai adorar este caso — acrescentou, depois ergueu-se para ir examinar a cabeça.

— Teve de ser um raio de uma lâmina... grande, afiada como o caracás, para decapitar desta forma tão limpa. Muita força por detrás do golpe. O outro corte pode ter vindo da mesma arma. Um ataque de raspão. Uma ferida defensiva. A ferida é muito superficial.

Eve sentou-se nos calcanhares, a cabeça da vítima aos seus pés.

— Não existe nada por aqui que possa ter causado estas feridas. E é impossível que ele tenha cortado a própria cabeça, deliberada ou acidentalmente, com o que tinha à mão.

— Não consigo pôr isto a correr — disse-lhe Peabody. — O programa. O disco nem sequer sai sem a sequência de segurança apropriada. Tudo o que tenho é a hora em que ele iniciou o programa, e quando este terminou. Correu durante mais de trinta minutos, e terminou às cinco e onze da tarde.

— Então ele chegou a casa, subiu para aqui quase instantaneamente, programou o jogo. Parece que o jogo, e ele, duraram esses trinta minutos. Precisamos aqui de uma equipa forense e de uma eletrónica. Quero que o médico-legista faça, sem falta, os exames toxicológicos. Pode ser que alguém lhe tenha dado alguma coisa, influenciando-o de modo a ele

contornar o seu próprio sistema de segurança sem que ficasse algo registrado. Trata disso, depois fala com o droide. Eu falo com a namorada.

Eve encontrou CeeCee no quarto de comunicação, no primeiro andar. Uma loira bonita com uma explosão de caracóis, ela estava sentada numa cadeira enorme do quarto. Esta tornava-a mais pequena, além de ter as pernas dobradas e as mãos cerradas no colo. Os seus olhos — grandes, brilhantes e azuis — estavam avermelhados, inchados e ainda vítreos de choque.

Eve dispensou o agente com um aceno de cabeça, depois atravessou o quarto para se sentar.

— Sr.^a Rove?

— Sim. É suposto ficar aqui. Alguém levou o meu *link*. Eu devia avisar alguém, não devia? Alguém.

— Já lho devolvemos. Sou a tenente Dallas. Porque é que não me conta o que aconteceu?

— Já contei a alguém. — CeeCee olhou à sua volta, incerta. — O outro polícia. Tenho estado a pensar. Não estará o Bart a brincar? Ele faz isso, às vezes. Brinca. Gosta de fazer de conta. Não será isto tudo uma simulação?

— Não, não é. — Eve escolheu a cadeira diante de CeeCee para que os seus olhos pudessem ficar ao nível dos dela. — Era suposto encontrar-se com ele ontem à noite?

— Em minha casa. Às oito. Fiz o jantar. Íamos jantar em minha casa porque gosto de cozinhar. Bem, às vezes. Mas ele não apareceu.

— O que fez?

— Ele costuma atrasar-se. Não há problema. Fica preso no trabalho. Às vezes sou eu que me atraso, por isso não há problema. Mas ele não apareceu e não respondeu ao *link*. Também tentei para o escritório, mas o Benny disse-me que ele tinha saído um pouco depois das quatro, para ir trabalhar um bocado para casa.

— Benny?

— Benny Leman. Trabalha com o Bart, e ainda lá estava. Eles trabalham até tarde, imensas vezes. Gostam de o fazer.

— Veio até cá para ver o que ele estava a fazer?

— Não. Quase o fiz. Mas fiquei muito chateada porque tive imenso trabalho, sabe? Quer dizer, eu *cozinhei*, e comprei vinho e velas, tudo. — Inspirou fundo, ficando com a respiração presa e tremente. — E ele não apareceu nem me avisou de que ia chegar tarde. Ele esquece-se, e

eu não me importo, mas atende sempre o *link*, ou lembra-se antes de ser realmente demasiado tarde. Ele põe alarmes. Mas eu fiquei mesmo muito chateada, e estava um temporal. Pensei: «Não vou sair para o meio desta tempestade.» Por isso, bebi algum vinho e jantei, e fui para a cama. Que se lixasse.

Ela cobriu a cara, lamuriando-se um pouco, abanando-se enquanto Eve se mantinha em silêncio.

— Disse apenas «vai-te lixar, vai-te lixar, Bart», porque eu tinha mesmo feito um bom jantar. Mas esta manhã, estava chateada, *mesmo* chateada, porque ele não chegou a aparecer nem tentou contactar-me, e como eu não tinha de ir trabalhar antes das dez, resolvi vir até cá. Pensei: «Está bem, não faz mal, vamos ter a nossa primeira discussão porque isto não é maneira de se tratar seja quem for.» Não concorda?

— Concordo. Há quanto tempo é que se encontram?

— Quase seis meses.

— E esta seria a vossa primeira discussão? A sério?

CeeCee sorriu ligeiramente enquanto as lágrimas continuavam a correr.

— De vez em quando, ficava um bocado chateada com ele, mas ninguém consegue ficar zangado com o Bart. Ele é tão querido. Mas desta vez, eu vinha pronta para arrasar com ele. A Leia deixou-me entrar.

— Quem é a Leia?

— Oh, é o droide cá de casa. Ele mandou fazê-la com a aparência de uma personagem da *Guerra das Estrelas*. De *O Regresso de Jedi*.

— Certo.

— De qualquer modo, ela disse-me que ele estava no quarto holográfico, completamente trancado, e tinha os intercomunicadores desligados. NÃO PERTURBAR. De acordo com os registos matinais dela, ele estava lá desde cerca das quatro e meia da tarde, do dia anterior. Por isso fiquei preocupada. Porque ele podia estar doente, ou ter desmaiado, e eu convenci-a a deixar-me entrar.

— Convenceu um droide?

— O Bart programou-a para me ouvir depois de estarmos alguns meses a levar a relação a sério. Além disso, ele já tinha ultrapassado o limite das doze horas de estar dentro do quarto. Então ela abriu a porta do quarto, e...

Os lábios tremeram-lhe; os olhos encheram-se novamente de lágrimas.

— Como é que isto pode ser verdade? Primeiro, achei que era e gritei. Depois, pensei que fosse uma brincadeira, ou um droide, e quase que voltei a ficar chateada. A seguir, percebi que era o Bart. Era o Bart. E era horrível.

— O que fez?

— Acho que quase desmaiei. Mas de pé, está a ver? Não sei, durante um segundo ou um minuto, tudo ficou negro e rodopiante, e quando deixou de ficar, fugi. — Enquanto corava, as lágrimas escorriam-lhe pela face. — Corri pelas escadas abaixo. Quase caí, mas cheguei cá abaixo e chamei o 112. A Leia obrigou-me a sentar-me e fez-me um chá. Ela disse que tinha havido um acidente e que tínhamos de esperar pela Polícia. Acho que ela estava programada para isso. Mas não pode ter sido um acidente Como é que pode ter sido um acidente? Mas tem de ter sido.

— Sabe de alguém que quisesse fazer mal a Bart?

— Como é que alguém poderia querer fazer mal a Bart? Ele é só um miúdo grande. Um miúdo grande verdadeiramente inteligente.

— E a família?

— Os pais dele vivem na Carolina do Norte. Quando a U-Play começou a ter sucesso, ele comprou-lhes uma casa na praia, porque eles sempre tinham querido uma. Oh, meu Deus, oh, meu Deus, os pais dele! Alguém tem de lhes dizer.

— Eu encarrego-me disso.

— Certo, certo. — Fechou os olhos com força. — Ótimo. Porque eu acho que não conseguiria. Não consigo fazer nada disto.

— E quanto a si? Namorados antigos?

Os olhos de CeeCee esbugalharam-se.

— Oh, meu Deus, não. Quero dizer, sim, tive namorados antes do Bart, mas nenhum que... Nunca acabei uma relação de forma a que... Não estava com ninguém especial ou estável antes de namorar com o Bart.

— E na empresa dele? Será que despediu alguém recentemente, ou repreendeu alguém?

— Acho que não. — Nessa altura esfregou as bochechas, enquanto carregava o sobrolho a matutar. — Nunca me contou nada, e tê-lo-ia feito. Acho eu. Ele detestava confrontos, exceto quando estava a jogar. Acho mesmo que ele me teria dito se tivesse tido problemas com alguém no trabalho. É um tipo feliz, sabe? E faz as outras pessoas felizes, também.

Como é que pode ter acontecido? Não faço ideia de como isto pode ter acontecido. Faz alguma ideia?

— Ainda não.

Eve pediu que levassem CeeCee a casa, depois começou a verificar um quarto de cada vez. Havia imensos, pensou ela, e cada um concebido para que os seus ocupantes pudessem jogar confortavelmente. Cadeiras espaçosas, sofás extremamente grandes berravam as suas cores esfuziantes. Bart não tinha nada de monótono. As ementas dos AutoChefs e dos Friggies expunham aqueles desejos próprios dos adolescentes — pizzas, hambúrgueres, cachorros-quentes, batatas fritas, doces. Os refrigerantes e os refrescos excediam o vinho, a cerveja e as bebidas brancas.

Não encontrou quaisquer substâncias ilegais, somente alguns medicamentos de venda livre.

Já tinha quase terminado um exame básico ao quarto principal quando Peabody entrou.

— Que me tenha apercebido, não encontrei nenhum estupefaciente — começou Eve. — Também não vi brinquedos sexuais, apesar de ter algum material pornográfico em vídeo e em discos de jogos. A maior parte dos computadores tem palavra-chave, e os que não têm só servem para jogar. Se não tiver dados, está acessível.

— A criada droide confirma o depoimento da namorada relativamente a quem chegou primeiro ao local do crime — disse-lhe Peabody. — Depois de chegar a casa, a vítima tinha-lhe dito para se desligar durante a noite, e os seus registos confirmam que ela o fez. Ela tem um despertador interno para as nove horas, que ficou ativo quando a vítima não a reiniciou antes. Ela é um bocado assustadora.

— Como?

— Eficiente. Além disso, não se parece com um droide. Não tem nenhum dos indícios, como aquela gaguez ocasional, aquele olhar vazio enquanto está a processar os dados. Topo de gama, definitivamente. Eu sei que ela não *sente* verdadeiramente choque e tristeza, mas pareceu que sentiu. A sério. Perguntou-me se alguém iria contactar os pais da vítima. Isso é pensamento consciente. Não é pensamento à droide.

— Ou então foi programada com muita minúcia e rigor. Vamos descobrir mais acerca da U-Play. Não arranjas um apartamento de três andares nesta vizinhança com trocos. Vamos saber quem é que fica com

o dinheiro, e quem é que está na fila para assumir a empresa. Temos de verificar no que é que ele andava a trabalhar. E quem é que era tão bom como ele.

Eve fez uma pausa, olhou de novo à volta do quarto.

— Alguém entrou cá, passou pelo droide e entrou no quarto holográfico sem deixar qualquer vestígio perceptível.

Ela só conhecia um indivíduo que conseguiria fazê-lo — e estava casada com ele. Talvez o Roarke conhecesse mais alguém.

— A prioridade é retirar o disco da unidade do quarto holográfico, e verificá-lo.

— A equipa da eletrónica está a caminho, assim como a equipa forense. Um dos agentes já reuniu todos os discos de segurança das últimas vinte e quatro horas.

— Continua a fazer a busca em todos os quartos. Eu vou notificar os pais por *link*. Vamos ver o que a Divisão de Detecção Eletrónica pode fazer por nós, e depois fazemos uma visitinha à U-Play.

Eve aguardou alguns instantes após a notificação para deixar que as coisas acalmassem. Tinha acabado de destruir as vidas de duas pessoas que ela nem sequer sabia que existiam menos de uma hora antes, pensou Eve enquanto se sentava num dos lados da cama de Bart Minnock. Eles nunca mais seriam realmente os mesmos, para eles nada voltaria a ser como dantes.

O homicídio fazia isso. Levava vidas, destruía outras, mudava outras ainda para sempre.

Portanto, porque é que alguém precisara ou quisera acabar com a existência de Bart Minnock? E porque é que tinham escolhido aquele método?

Dinheiro. Ciúme. Vingança. Segredos. Paixão.

Pelo aspeto do que via, ele tinha dinheiro, pensou Eve, e fez uma investigação rápida, simples, das finanças da vítima. Certo, ele tinha dinheiro, e a U-Play era uma empresa jovem e forte. Os seus primeiros instintos diziam-lhe para acreditar na CeeCee. Não tinha ex-namorados ciumentos. Mas muitas vezes o dinheiro gerava ciúmes. A vingança podia surgir de um concorrente, ou de um empregado que se sentisse enganado ou pouco valorizado. Segredos, todos tínhamos alguns. Paixão? Esta era certamente a da vítima.

Método... Homicídio durante um jogo. Tinha alguma coisa de poético, de uma maneira doentia. Decapitação. Corta-se a cabeça — o cérebro — e o corpo cai. Após a verificação rápida que fizera, ficara convencida de que Minnock era o cérebro da U-Play. O corpo cairia sem ele? Ou estaria alguém à espera e pronto para o substituir e assumir o seu lugar?

Quaisquer que fossem as respostas, o método tinha sido ousado, resoluto e complexo. Deus sabia que havia maneiras mais fáceis para matar. O mais provável era o assassino ser tão determinado e dedicado ao jogo como a sua vítima.

CAPÍTULO

2



Eve ouviu McNab antes de o ver. Se ele fosse uma adolescente em vez de um adulto, ela teria chamado àquele som um guincho.

— Cristo me valha! Este lugar está congelado, ao cubo!

— Acalma-te, rapaz. Este é um local de crime.

Ela ouviu a reprimenda de Feeney, mas reconheceu uma ponta de excitação no tom que ele usou. O capitão da DDE, e seu antigo parceiro, não era apenas um adulto, pensou Eve, mas um raio de um avô.

Por outro lado, talvez os génios da eletrónica, no fundo, fossem sempre miúdos.

— Alguém devia dizer alguma coisa. Uma oração, por exemplo.

E tinham trazido a Callendar. O sussurro de reverência fez com que Eve abanasse a cabeça. Talvez esperasse mais daquele lado já que Callendar era mulher.

Eve dirigiu-se às escadas, olhou para baixo para os três. Viu a cabeça acinzentada de Feeney — o ruivo e o cinzento —, as calças camufladas laranja de Feeney, de fazer doer os olhos, e o padrão de um clarão solar na camisa de Callendar.

— Quando acabarem de ficar deslumbrados e sentimentais, talvez possam vir até aqui. Temos de resolver um homicídiozinho desagradável.

Feeney olhou para cima, e Eve viu que tinha razão, lá estava um rubor de excitação numa cara habitualmente impassível. McNab só sorria, e o pouco que balançava fazia com que o seu brilhante rabo de cavalo loiro abanasse. Pelo menos Callendar tivera a gentileza de colocar um ar ligeiramente embaraçado enquanto curvava os ombros, encolhendo-os.

— Este lugar é uma catedral para tudo o que é jogos ou eletrônica — disse McNab para cima.

— Tenho a certeza de que o morto ficaria entusiasmadíssimo com a vossa aprovação. Quarto holográfico, terceiro andar.

Ela dirigiu-se para lá, depois estacou por um momento quando viu que o médico-legista-chefe Morris não tinha enviado alguém da sua equipa para o local, tendo ele próprio ido.

Ele estava com boa aparência, mas, geralmente, era sempre assim. O seu elegante fato preto só não lhe dava um aspeto fúnebre devido a vestígios prateados no cordão entrelaçado ao longo da sua trança e no padrão discreto da sua gravata. Por outro lado, parecia que ele usava cada vez mais o preto nestes últimos tempos, e Eve percebeu que era um símbolo subtil de luto pelo seu amor perdido.

Fora a vida dele que Eve destruíra numa manhã de primavera; a vida dele, Eve sabia, nunca voltaria a ser a mesma devido àquela perda.

Morris devia tê-la sentido pois, apesar de continuar a examinar o corpo, falou.

— Isto é algo que não vemos todos os dias, mesmo quando somos nós a fazê-lo.

— Foi o que eu disse.

Ele ergueu, então, o olhar, e a sua face exótica suavizou-se, só um pouco, com um sorriso.

— Mas também, as pessoas geralmente perdem a cabeça com os homicídios. Quando a informação nos chegou, eu quis ver pessoalmente, vir à cena do crime. — Acenou em direção à cabeça. — Pelos esguichos e pela poça, parece que parte dele deixou esta parte à pressa, estatelou-se...

— É um termo médico?

— Claro. Estatelou-se e rodou. Foi uma sorte que ele se lembrasse de aterrar com a cabeça para cima e na direção da porta. Parece que o pobre coitado morreu antes de dar pela cabeça perdida, mas vamos levá-lo todo e ver o que conseguimos concluir disto.

— É preciso muita força para decapitar de uma forma tão limpa, e ter um raio de uma lâmina bem afiada.

— Concordo.

— A namorada tem cerca de um metro e sessenta, e completamente vestida deve pesar à volta de cinquenta quilos. Não teria força. Um droide conseguiria fazê-lo.

— Possivelmente, se o programa fosse alterado e reforçado.

— Ainda não me deparei com nada que comprovasse suicídio, mas uma teoria lógica, dadas as circunstâncias, podia ser que ele queria terminar tudo, e queria fazê-lo de uma forma arrojada. Programa o droide. Este faz o seu trabalho, desfaz-se da arma, reinicia os registos de segurança. Parece uma treta, mas é um ângulo diferente.

— As pessoas agem muitas vezes de forma incompreensível. É o que as torna tão fascinantes. Ele estava a jogar?

— Aparentemente. Qualquer que fosse o disco que ele estava a usar, está protegido, e ainda dentro da unidade. — Eve apontou para os controlos. — A DDE foi para cima. Talvez estivesse a jogar com o droide e alguma coisa correu mal. — Mas ela abanou a cabeça, enfiou as mãos nos bolsos. — E isso não explicaria o drone a reprogramar-se sozinho. Seria tecnologia de ponta, segundo a Peabody, mas acho que ultrapassaria qualquer tecnologia existente. Os droides necessitam de um programador humano para serem alterados.

— Pelo que sei, concordo, mas também não sei muito sobre estas coisas. Em geral, os droides humanoides chocam-me sempre por serem um pouco assustadores e dignos de pena.

— Sim! — Eve retirou a mão do bolso para lhe apontar. — Exatamente.

— E como eles não fazem nada incompreensível sem a programação humana, nem sequer são interessantes. — Morris encolheu os ombros ao levantar-se. — Devias perguntar ao teu consultor civil especialista nesses assuntos. Acho que ele saberá tudo o que há para saber sobre isso.

— Vou ver o que é que os cromos do departamento de eletrónica têm a dizer antes de chatear o Roarke.

— Uau.

Ela voltou-se para ver os referidos cromos a entrarem.

— Grande uau — repetiu McNab. — Foi uma enormíssima chatice. Bart Minnock, o rapaz- génio.

— Sempre achei que ele tinha uma grande cabeça. — Callendar encolheu-se. — Desculpem.

— É inevitável. Isto é do Morris. — Eve apontou um polegar para as duas partes de Minnock, e depois para o painel de controlo. — Aquilo é vosso. Parece que a vítima veio jogar ou provavelmente testar um novo programa. O que quer que Minnock tenha inserido ainda se encontra no interior. Tem um código de acesso e está protegido. Preciso que o retirem sem o danificarem, nem à unidade. Preciso que o sistema de segurança desta porta e da porta de entrada seja passado a pente fino. Os registos

indicam que ninguém entrou nem saiu quando ele se trancou cá dentro, mas visto que ele não fez isto a si mesmo com as unhas, os registos não estão corretos. Eu e a Peabody vamos pôr-nos em campo. Já que toda a gente tem a cabeça bem assente nos ombros... veem? É inevitável. Espero algum progresso quando regressarmos à Central.

Deixou-os a fazer o trabalho deles, gesticulou para Peabody.

— Os agentes andaram de porta em porta — disse-lhe Peabody assim que saíram. — Como a casa dele ocupa os três andares de cima do prédio, não conseguimos nada de jeito. O porteiro que estava de serviço ontem à noite veio cá ter quando o contactámos. Ele confirma a hora de chegada, e jura que ninguém veio ter com Minnock nem acedeu a nenhum dos três andares até a namorada chegar esta manhã.

— Um cromo da tecnologia esperto emprega, trabalha com e conhece outros cromos espertos. Vamos descobrir quem é que não gostava do nosso bom amigo Bart.

A U-Play dispersava-se e estendia-se pelo armazém convertido. Muita atividade, e aquilo que Eve assumia como sendo uma energia maníaca, zunia e apitava no ar. Dos computadores e ecrãs incontáveis, e dos escritórios e laboratórios abertos vinham os sons de veículos a embaterem, guerras espaciais, risos maníacos, ameaças de bombas e aplausos dos vitoriosos.

Mundos pequenos, fantasias complexas, competição interminável, pensou Eve. Como é que podiam ser normais?

As pessoas, algumas das quais mal tinham idade para comprar uma cerveja e todas vestidas com cores berrantes ou roupas largueironas confortáveis, saltitavam pelos quatro pisos em espaço aberto. Aos ouvidos de Eve, parecia-lhe que todos falavam ao mesmo tempo na sua linguagem estenográfica incompreensível enquanto manejavam as suas consolas, comunicavam pelos auriculares, jogavam em ecrãs inteligentes e ingeriam uma variedade de bebidas energéticas engarrafadas.

Era como se toda a DDE estivesse sob a influência de Zeus, pensou Eve.

— É o Mundo dos Génios — disse Peabody. — Ou a Galáxia dos Cromos. Não consigo decidir-me porque está cheio de génios e cromos.

— É o Mundo dos Génios na Galáxia dos Cromos. Como é que conseguem sequer ouvir-se a pensar? Porque é que ninguém fecha uma porta?

— Como alguém que vive com um cromo com características de génio, posso dizer-te que eles afirmam que o barulho, o movimento, o caos básico é que os mantém perspicazes.

— As cabeças deles deviam explodir.

Eve observava as pessoas a subirem e a descerem nos elevadores de carga de vidro, ou a correrem escadas acima e abaixo em *airboots* pesadas ou ténis com sola maleável. Outras relaxavam em cadeiras e sofás reclináveis, a jogarem com o olhar vítreo e focado dos corredores de maratonas.

Eve apanhou alguém, uma jovem que vestia o que parecia ser um macacão que fora salpicado de tinta por uma criança enlouquecida de três anos.

— Quem é o responsável?

A mulher, que tinha inúmeros brincos nas orelhas, no nariz e nas sobrancelhas, pestanejou.

— Pelo quê?

— Por isto. — Eve ergueu o braço para abarcar a loucura.

— Oh, o Bart. Mas ele ainda não chegou. Acho que não.

— E a seguir a ele? Pela ordem de importância?

— Hmm.

— Vamos tentar assim. — Eve sacou do distintivo.

— Oh, credo. Nós estamos todos legais e essas cenas. Se quiser falar sobre licenças e coisas assim, fale com a Cill, o Benny ou o Var.

— E onde é que encontro a Cill ou o Benny ou o Var?

— Hmm. — Ela apontou para cima. — Provavelmente no terceiro piso. — Deu uma volta, olhou para cima. — Está ali o Benny, no terceiro piso. Aquele tipo verdadeiramente alto, com rastas vermelhas? Tenho de ir trabalhar, está bem? Por isso... chau.

Pela avaliação de Eve, Benny Lemman media quase dois metros e dez e pesava à volta de noventa quilos depois de ficar de molho num lago durante algumas horas. Era um espeto ambulante com pele de um intenso e lustroso ébano e uma cabeça flamejante de entrançados pendentes.

Quando chegaram ao terceiro piso, os ouvidos de Eve vibravam devido ao ruído, os olhos contraíam-se da investida de cores e imagens, e ela decidiu que a U-Play era na verdade o sétimo círculo do Inferno.

Encontrou Benny imerso na sua atitude típica de cromo informático, a gritar termos estranhos aos auscultadores, a manejar uma unidade minúscula com uma mão e, com a outra, a teclar num ecrã inteligente.

Ainda assim, ele conseguiu dirigir-lhe um sorriso ofuscantemente branco e erguer uma mão, indicando «só um segundo». As palavras dele atingiam-na como um extenso zumbido de nanos, placas, *terabytes* e outras expressões tecnológicas.

O *link* sobre o seu painel de trabalho atafalhado zuniu e, quando o bolso de Benny começou a tocar, Eve deduziu que ele também aí teria um *link*. Alguém surgiu à entrada, ergueu o polegar de uma mão e fez um movimento para a frente e para trás com a outra. Benny respondeu-lhe com um aceno, um encolher de ombros e uma sacudidela, o que pareceu satisfazer o funcionário, que se retirou.

— Desculpem. — Com uma voz bonita e apenas um ligeiro sotaque insular, Benny ignorou os toques e os zunidos, oferecendo-lhes outro sorriso. — Esta manhã, estamos um bocado ocupados por aqui. Se vieram por causa da entrevista, vão querer falar com a Cill. Eu posso...

— Sr. Leman. — Eve ergueu o distintivo. — Sou a tenente Dallas, da NYPSD². Esta é a minha parceira, a inspetora Peabody.

— Credo! — Apesar de manter o sorriso, este tornou-se interrogativo. — Alguém está em apuros acerca de alguma coisa?

— Pode dizer-se que sim. — Eve gesticulou para que Peabody fechasse a porta. Tal como as paredes, era de vidro, mas pelo menos abafava algum do ruído. — Quer desligar esse ecrã?

— Está bem. Estou em apuros acerca de alguma coisa? Oh, merda, o *Mongo* acedeu ao *link*? Não fui a casa ontem à noite, mas é suposto o meu droide tomar conta dele. Eu...

— Quem é o *Mongo*?

— O meu papagaio. Porta-se bem, mas gosta de aceder ao *link* para pregar partidas.

— Não é sobre o seu papagaio. É sobre Bart Minnock.

— Bart? O Bart está em sarilhos? Isso explica a razão de não conseguir contactá-lo. Mas o Bart não faria nada ilegal. Precisa de um advogado? Devo... — Algo atravessou a sua expressão: uma interrogação diferente e uma primeira sombra de medo. — Está ferido? Houve algum acidente?

— Lamento ter de lhe dizer que o Sr. Minnock foi assassinado ontem.

— Oh, vá lá! — Uma fúria repentina substituiu o medo. — Ele esteve

² Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque, no original *New York Police and Security Department*. (N. de T.)

aqui ontem. Isto não tem piada. O Bart sabe que eu aprecio uma piada, tal como toda a gente, mas isto não tem graça nenhuma.

— Não é uma piada, Sr. Leman — disse Peabody, gentilmente. — O Sr. Minnock foi morto ontem à noite em sua casa.

— Não, não. — A negação infantil surgiu aflitiva enquanto as lágrimas brilhavam nos olhos escuros e fundos. Benny deu um passo hesitante atrás, e depois sentou-se, simplesmente, no chão. — Não. O Bart, não. Não.

Para manter os olhos dele ao nível dos seus, Eve agachou-se.

— Lamento muito pela sua perda, e percebo que isto seja um choque, mas precisamos de lhe fazer algumas perguntas.

— No apartamento dele? Mas ele tem segurança. Tem uma excelente segurança. Ele confia demasiado. Terá deixado alguém entrar? Não compreendo. — Benny olhou, suplicante, para Eve enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces. — Tem a certeza? Tem a certeza absoluta?

— Sim. Conhece alguém que pudesse querer fazer-lhe mal?

— Não ao Bart. — Benny abanou a cabeça. — Não ao Bart. Como? Como é que morreu?

Eve queria aguardar até explicar os detalhes.

— Quando é que o viu pela última vez ou teve algum contacto com ele?

— Ele saiu cedo, ontem. Não tenho a certeza. Talvez pelas quatro. Ia ter um encontro com a CeeCee. A rapariga dele. E tinha algumas coisas que queria fazer em casa. Ele estava mesmo feliz. — Agarrou na mão de Eve. — CeeCee? Ela está magoada? Está bem?

— Sim, ela está bem. Não estava lá.

Com a respiração entrecortada, Benny fechou os olhos.

— Não, tem razão. Ele ia a casa dela, para jantarem. — Esfregou as mãos na cara, depois deixou simplesmente a cara afundada entre as mãos. — Não sei o que fazer.

— Ele estava com problemas aqui, com a empresa, com os funcionários?

— Não. Não. As coisas aqui estão bem. Muito bem. É um sítio alegre. O Bart gere um sítio alegre.

— E a concorrência?

— Na verdade, nenhuma. Alguns tentam aceder à nossa empresa, ou inserir algum vírus. É o normal. É como se fosse mais um jogo. O Bart é cuidadoso. Nós somos todos cuidadosos. Temos um bom

sistema de segurança. Verificamos, analisamos e reajustamos tudo com regularidade.

A porta abriu-se. Eve olhou sobre o ombro para uma mulher asiática deslumbrante com o cabelo preto amarrado na nuca a cair-lhe até à cintura. Os olhos brilhavam com um tom verde felino na sua face, com uma compleição óssea perfeita.

— Bens, mas que raio? Estou atafalhada até às seis e tu estás... O que se passa? — Ela dirigiu-se apressadamente até ele e sentou-se ao seu lado no chão. — O que é que aconteceu?

— É o Bart, Cilly, é o Bart. Está morto.

— Oh, não sejas parvo. — Bateu-lhe no braço e começou a erguer-se, mas ele agarrou-lhe a mão.

— Cilly, é verdade. São da Polícia.

— O que é que estão para aí a dizer? — Enquanto se levantava rapidamente do chão, a sua reação para com Eve pretendia ser insultuosa. — Quero ver distintivos.

Arrancou o de Eve e a seguir sacou de um *scanner* minúsculo do bolso.

— Está bem, talvez passe como genuíno, mas... — Ela estacou e a sua mão tremeu-lhe ligeiramente enquanto fitava o nome no distintivo e a seguir olhava para a cara de Eve. — Dallas — sussurrou. — É a polícia do Roarke.

— Sou a polícia de Nova Iorque — corrigiu Eve, depois recuperou o distintivo.

— A polícia do Roarke não brinca em serviço. — Cill ajoelhou-se, estreitou fortemente com um braço os ombros ossudos de Benny. — O que é que aconteceu ao Bart? Oh, meu Deus, oh, merda, o que é que aconteceu ao Bart?

— Há algum sítio onde possamos falar, em privado, que não seja o chão? — perguntou Eve.

— Ah. — Cill passou uma mão pela cara. — Na sala de convívio. É no piso de cima. Posso desimpedi-la. Mas precisamos do Var. Precisamos de ouvir todos juntos antes de... antes de dizermos aos outros. — Ela voltou-se, encostou a sua testa à de Benny. — Vou esvaziar a sala e chamar o Var. Deem-me só um minuto. O Benny leva-as para cima. — Ela desencostou-se, respirou profundamente antes de fitar Eve. — Trata de homicídios. Eu sei que é assim, o que significa que o Bart foi... Magoaram-no? Diga-me só se o magoaram.

— Posso dizer-lhe que acredito que tenha sido muito rápido.

— Certo, certo. Leva-as lá para cima, Bens, e não digas nada a ninguém até sabermos o que aconteceu. — Envolheu, brevemente, a face dele com as suas mãos. — Tens de ter força, agora.

Ergueu-se, saiu porta fora.

— Qual é a sua função aqui, Benny? — perguntou Eve. — A sua, a da Cill e do Var. Qual é a ordem hierárquica?

— Oh, bem, no papel somos todos vice-presidentes. Mas a Cill é FA, Faz Acontecer. Eu sou TCB, Tratar Com o Benny, e o Var é SCI, Sempre Com Ideias. Todos sabem que podem vir ter connosco ou... ou com o Bart se tiverem uma ideia ou um problema.

— E qual era a alcunha do Bart?

— CGC. Chefe Grande Cérebro. — O sorriso dele vacilou. — É sempre o mais inteligente de todos. Acho que é altura de vos levar para cima.

Quando lá chegaram, os ecrãs de parede estavam desligados, os computadores calados e os assentos espalhados, vazios. Cill estava a fitar uma das várias máquinas de venda automática. Tinham à disposição cafés requintados, o que pareciam ser todas as bebidas alcoólicas do planeta e um *stock* infundável de *snacks*. Eve imaginou que os AutoChefs eram topo de gama assim como as unidades que se encontravam na casa de Bart, e teve uma pequena ânsia de piza.

— Pensava que queria uma bebida energética, porque quero sempre uma bebida energética — murmurou Cill. — Mas não quero. — Voltou-se. — O Var está mesmo a chegar. Não lhe disse o assunto. Pensei... De qualquer modo, querem alguma coisa? Posso simplesmente usar o meu cartão.

— Não é necessário, obrigada — respondeu-lhe Eve.

— Senta-te, Benny. — Cill passou o cartão dela e escolheu uma garrafa de água. Entregou-a a Benny. — Bebe um pouco.

Ela cuidava dele, pensou Eve. Não como amante, mas como uma irmã atenciosa.

Cill regressou à máquina de venda automática e selecionou um café.

— Para o Var — disse ela. — Ele vai querer café.

Ele chegou apressadamente, um homem entroncado com cerca de trinta anos, vestindo as mesmas calças camufladas largas de que McNab gostava, de um tom cáqui agradável, mas os seus ténis bastante gastos tinham a mesma cor vermelha ofuscante da *t-shirt*. O cabelo castanho, curto, envolvia uma face que oscilava entre o simples e o agradável.

— Credo, Cill, disse-te que hoje estava enterrado em trabalho. Não tenho tempo para pausas. E com o Bart ainda *off-line*, tenho montes de merdas para despachar antes de...

— Var. — Cill entregou-lhe o café. — Precisas de te sentar.

— Preciso de me despachar. A sério. Por isso, toca a andar e... — Ele reparou em Eve e Peabody pela primeira vez. — Desculpem. — Fazendo um sorriso, a sua expressão ficou ligeiramente mais perto do agradável. — Não sabia que tínhamos companhia. São as representantes da Gameland? Esperava que viessem à tarde. Teria tudo um bocadinho mais organizado nessa altura. Provavelmente.

— Esta é a tenente Dallas e...

— Inspetora Peabody.

— Pois. — Cill inspirou fundo, a seguir fechou a porta de vidro. — Estão aqui por causa do Bart.

— Bart? — Uma gargalhada rápida explodiu. — O que é que ele fez? Embebedou-se e foi para a prisão? Precisamos de lhe pagar a fiança?

— Senta-te, Var — murmurou Cill.

— Porquê? O que foi? — O divertimento esmoreceu. — Oh, caraças, oh, merda, ele foi assaltado ou alguma coisa do género? Ele está ferido? Está bem?

— Somos dos Homicídios — disse Eve. — Bart Minnock foi assassinado.

O café escorregou da mão de Var e espalhou-se sobre os seus ténis vermelhos brilhantes.

— O que é que está a dizer? O que é que isso significa?

— Senta-te, Var. — Cill empurrou-o para uma cadeira. — Senta-te, vá. Limpamos isso depois.

— Mas isto é de doidos. O Bart não pode estar... Quando? Como?

— Algures entre as quatro e meia e as cinco, ontem à tarde, no seu apartamento a alguns quarteirões daqui. Foi encontrado por CeeCee Rove hoje de manhã cedo, no seu quarto holográfico. Tinha sido decapitado.

Depois do arquejo estrangulado de Benny, fez-se silêncio. Ao seu lado, Cill ficou branca como a cal. A sua mão ergueu-se e Var agarrou-a.

— Alguém lhe cortou a cabeça? — Como a Cill começara a tremer, Benny abraçou-a e os três sentaram-se, como um só, no sofá. — Alguém *cortou* a cabeça ao Bart?

— É verdade. Achemos que ele estava no quarto holográfico na altura do ataque, e que tinha programado um jogo. A Divisão de Detecção

Eletrónica está a tentar retirar o disco da unidade holográfica. Preciso de verificar o vosso paradeiro das três às seis da tarde de ontem.

— Estávamos aqui — disse Cill, baixinho. — Estávamos cá todos. Bem, eu saí um pouco antes das seis. Tive aula de ioga, que começa às seis. É mesmo ao fundo da rua, na Blossom. O Benny e o Var ainda cá ficaram quando eu saí.

— Acho que fiquei até às seis e meia. — Var pigarreou. — Eu-eu fui para casa. O meu grupo tem um jogo, um jogo virtual, do Senhor da Guerra a decorrer, e estivemos a jogar das sete às dez. O Benny ainda cá ficou quando eu me fui embora, e já cá estava quando cheguei esta manhã, pelas oito e meia.

— Eu trabalhei até tarde e dormi cá. Alguns funcionários ainda ficaram até às sete ou oito horas... não me recordo, mas podemos verificar os registos. Fechei tudo e continuei a trabalhar até à uma, e depois dei-tei-me. Nenhum de nós magoaria o Bart. Somos família. Somos família.

— Elas têm de saber. — Cill encostou a cabeça no ombro dele durante uns instantes. — É um dos passos. Tens de dar todos os passos para passares ao nível seguinte. Se o Bart permitiu que alguém entrasse no seu quarto holográfico, era porque confiava neles, ou...

— Ou... — incentivou Eve.

— Estava a armar-se. — A voz de Var quebrou, e ele pigarreou de novo.

— Para que é que ele se estaria a armar? No que é que ele estava a trabalhar que tivesse levado para casa, jogado, e se tivesse armado?

— Temos imensas coisas na fase de desenvolvimento — disse-lhe Var. — Muitas coisas prontas a serem testadas, outras estamos a aperfeiçoar. O Bart levava imensas vezes cópias para casa, para as experimentar, em que procurava falhas e cenas irregulares, ou maneiras de elevar a dificuldade. Todos fazíamos isso.

— Então teria de ter registado a saída.

— Teria, sim, claro. — Var fez um olhar vago. — Oh, posso verificar. Posso ir verificar.

— Vou consigo. Peabody — disse Eve, com um aceno, depois seguiu Var para fora da sala enquanto a sua parceira continuava o interrogatório.

Apanharam um dos elevadores para descerem, com Var a afastar as pessoas com um aceno. Os bolsos dele emitiam bipes, toques e zunidos. Eve

viu-o começar a dirigir-se a um bolso — um movimento instintivo —, mas depois deixar a mão cair.

— Vão perceber que se passa alguma coisa, que algo está errado — disse-lhe Var. — O que é que lhes dizemos? Não sei o que hei de dizer-lhes.

— Precisamos de interrogar todos os funcionários. Quantos são?

— Aqui na empresa? Setenta, por aí. Temos mais duas dúzias a nível nacional em teletrabalho... em vendas, testes, esse género de coisas. — Ele gesticulou-lhe, indicando-lhe que entrasse num escritório que tinha o aspeto de uma ponte de uma nave espacial.

— Este é o espaço do Bart. É, bem, uma réplica do centro de comando da *Galactica*. O Bart trabalha... trabalhava melhor quando se divertia.

— Certo. Precisamos de analisar as coisas dele aqui, e levar os computadores e as unidades de comunicação connosco.

— Não precisam de um mandado ou algo do género?

Ela dirigiu-lhe um olhar pouco entusiástico.

— Quer que arranje um?

— Não. Desculpe. — Var passou uma mão pelo cabelo, fazendo com que as pontas ficassem em pequenos tufos. — Não. Eu só... As coisas dele. São todas as coisas dele. Ele teria registado nesta unidade tudo o que levasse com ele. É o inventário. Nós os quatro temos a mesma palavra-chave para aceder, de modo a podermos verificar o que saiu e entrou. Temos outro inventário, diferente para cada um de nós, que utilizamos quando queremos editar nas nossas próprias unidades. Dessa forma, não estragamos nada, compreende?

— Certo.

Ele colocou a palavra-chave manualmente, com as costas voltadas para Eve.

— Var — disse ele, e ergueu o passe para verificação.

Var autorizado, anunciou o computador.

— Mostra todos os registos de saídas para o exterior por Bart, a 23 de junho.

— É melhor uma semana — disse-lhe Eve.

— Oh. Altera o espaço das saídas para o período entre 17 de junho e 23 de junho.

Um momento, por favor. Como está, Var?

— Já estive melhor.

Lamento sabê-lo. Aqui está a sua lista. Posso ajudar?

— Por agora, não, obrigado. Não há aqui nada em relação ao dia de

ontem. — Ele apontou para o ecrã. — Tem um par de testes de desenvolvimento que levou com ele durante a semana, mas o registo indica que voltou a devolvê-los. Ele não tirou nada ontem.

— Levo uma cópia dessa lista e uma cópia de todos os programas que ele levou consigo esta semana.

— Oh, ei, credo. Não posso. Quero dizer, não posso mesmo dar-lhe cópias de trabalhos que estejam a ser desenvolvidos. — A expressão dele passou de choque, para aflição, para preocupação. — É, tipo, secreto. Além de nós os quatro, ninguém tem autorização para levar nada para o exterior. O Benny nem sequer o faz até estarmos quase a proceder ao lançamento. Por isso é que ele acaba por trabalhar todas as noites aqui na empresa. Fica nervoso por retirar da empresa algo que não esteja terminado.

— Vou então arranjar um mandado.

— Oh, bolas. Não sei o que fazer. Não consigo raciocinar como deve ser. — Lágrimas surgiram-lhe nos olhos antes de se voltar. — Tenho de proteger a empresa, mas também não quero fazer nada que complique as coisas. Nem sequer sei se posso dizer que sim ou que não. Temos de votar. Os três. Precisamos de ver o que vamos fazer. Pode deixar-nos ver primeiro o que vamos fazer?

— Dou-vos algum tempo. Há quanto tempo conhecia o Bart?

— Desde a faculdade. Ele já conhecia a Cill e o Benny. Já andavam juntos desde, tipo, o básico, e depois nós, simplesmente... veja o logotipo. — Apontou para o logo da U-Play no ecrã. — Mostrou-nos uns muito mais giros, mesmo espetaculares, mas ele preferiu este. As palavras num quadrado. Disse que éramos nós, o quadrado, porque eram precisos quatro para que as coisas acontecessem. Pode desculpar-me por um minuto? Por favor. Só preciso de, hmm, um minuto.

— Esteja à vontade.

Quando ele saiu, o *link* de Dallas deu sinal.

— Dallas.

— Tenho boas e más notícias — disse-lhe Feeney.

— Primeiro, as boas, foi uma porcaria de uma manhã.

— Conseguimos recuperar da unidade alguns detalhes do programa. Chama-se *Fantastical* e tem como código AED.12, Ainda Em Desenvolvimento, versão 12, diria eu. Tem o *copyright* da U-Play e a data da última vez que foi editado, de há dois dias.

— Ele estava a jogar sozinho ou estava alguém com ele?

— A unidade estava definida para um só jogador, mas essa é a parte das más notícias. Não conseguimos saber mais nada pelo disco. Não há maneira de saber que raio é o *Fantastical*, já que o disco se autodestruuiu quando acedemos à última proteção de segurança.

— Merda.

— Ficou tudo bastante danificado. Talvez consigamos recuperar alguma coisa, com um ou outro milagre. Eles devem ter uma cópia. Não é possível que este disco fosse o único.

— Vou tentar saber por aqui. Vou precisar de uma equipa que venha buscar o equipamento de trabalho da vítima. Tentem não destruir este.

— Essa magoou-me, miúda.

— Bem, já agora que seja um dia de porcaria também para ti — disse Eve, e desligou antes de contactar Peabody. — Preciso que venhas ao escritório da vítima, que inicies uma pesquisa preliminar e mantenas toda a gente fora daqui. Vou para aí.

— Entendido. Já tenho o mais relevante destes dois, e vou fazer uma investigação rápida aos três. Vamos interrogar todos os funcionários hoje?

— Quanto mais cedo, melhor. Antes de termos mais informação, vamos querer saber, pelo menos, o paradeiro de toda a gente.

— São mais de setenta, Dallas.

Eve suspirou.

— Contacta novamente o Feeney. Ele, o McNab e a Callendar podem vir até cá. De qualquer modo, eles falam a linguagem dos cromos.

— Também entendido. O McNab vai ficar excitadíssimo quando vir este lugar.

— Que felicidade que me deste! Tu aqui, eu aí. Agora. — Eve desligou uma vez mais.

Eve demorou algum tempo a regressar. Ela percebeu que Var tinha razão — as pessoas sabiam que algo se estava a passar, algo não estava bem. Cabeças viravam-se na direção dela, sussurros seguiam-na. O local tresandava a culpa, preocupação e uma ponta de excitação.

O que é que se passa? O que é que eles fizeram? Estamos em sarilhos?

Localizou Var a vir da direção oposta, parecendo desfeito, e os sussurros escalaram para murmúrios.

Ela deixou-o entrar à sua frente, depois fechou a porta atrás de si.

— O que é o *Fantastical*?

A pergunta foi respondida com um silêncio chocado.